

FUTURO DO PRESENTE: NOÇÕES DE TEMPORALIDADES E ESPACIALIDADES NA ESCRITA DE MANOEL DANTAS

José Marcus Guedes de Araújo

Graduado em Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Centro de Ensino Superior do Seridó/CERES/Campus Caicó.

E-mail: josemarcusguedes@gmail.com

RESUMO: Esta produção volta-se para as discussões acerca das noções de temporalidade e espacialidade a partir da análise das obras "Homens de Outr'ora" (1941) e "Natal daqui a cinquenta anos" (1909), do historiador erudito Manoel Gomes de Medeiros Dantas (1867-1924). Numa perspectiva cereteuniana de análise, Dantas construiu um lugar de autoridade em seu tempo de vida e, posteriormente, para a historiografia. Nesse sentido, operacionalizando as discussões teóricas de Reinhart Koselleck (1992; 2006), o trabalho busca discutir como Dantas constrói o tempo enquanto um agente histórico, capaz de moldar o homem e o espaço, sob a égide e ação do progresso. Por meio da operação historiográfica, fazendo-se uso do modelo de análise de Michel de Certeau (2011), é possível afirmar que o autor analisado enquadra-se enquanto um membro da geração que, entre fins do século XIX e inícios do XX, vislumbrou novas perspectivas para o Brasil pautadas pelas noções de Ciência, Progresso e Evolução, tendo o Seridó norte-rio-grandense como lócus principal de suas reflexões. Neste sentido, esse exercício de escrita traz uma abordagem que privilegia a análise das noções de temporalidade e suas conexões na construção dos espaços na escrita do referido intelectual.

Palavras-chave: Tempo. Espaço. Manoel Dantas

1. INTRODUÇÃO

Tomando como referência o pressuposto de que as investigações em História estudam o homem em sociedade, localizados em um dado tempo e num dado espaço, entendemos que nosso trabalho faz parte da dimensão da História Social, uma vez que "[...] em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam" (CASTRO, 1997, p. 46). Desse modo, nosso trabalho se conecta a essa dimensão porque entendemos Manoel Dantas como um sujeito intimamente ligado à sociedade de seu tempo e tal relação proporcionou influências mútuas que, em grande medida, deram novos direcionamentos a sua vida e obras.

Nesta produção analisaremos os artigos "Homens de Outr'ora" (1941) e "Natal daqui a cinquenta anos" (1909). A primeira obra foi publicada em 1941, no Rio de Janeiro, pelos Irmãos Pongetti, de forma póstuma, reunindo cinco artigos de autoria de

Manoel Dantas, produzidos em épocas distintas, sob organização de José Augusto Bezerra de Medeiros. Desse produto, nossa investigação recairá sobre o primeiro ensaio, homônimo do livro, que foi publicado originalmente em forma de crônicas no periódico *A República*¹, no ano de 1898. (DANTAS, 2001 [1941]).

Natal daqui a cinquenta anos (DANTAS, 2000 [1909]) pode ser caracterizada como uma plaquete, publicada pela Imprensa Oficial do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, em Natal, no ano de 1909, como fruto de uma conferência proferida por Manoel Dantas no Salão de Honra do Palácio do Governo. Em tal produção o autor, que já teve seus lugares de sociais, temporais e institucionais brevemente explorados, evidência sua autoridade e prestígio enquanto intelectual, reconhecido entre seus pares, historiadores eruditos e acadêmicos da época, igualmente pelo Governo estadual.

As produções mencionadas foram analisadas a partir do procedimento teórico-metodológico da operação historiográfica, de Michel de Certeau (2011), bem como, sob a inspiração das discussões realizadas por Reinhart Koselleck (1992: 2006), sobre a história dos conceitos e história social. O que buscamos é problematizar a operacionalização das noções de temporalidades e espacialidades, conjuntamente com suas relações na modelagem do arquétipo de homem proposto na escrita deste intelectual, constituindo, dessa forma, o seu discurso histórico.

Com base nas discussões preliminarmente expostas, nossa problemática pode ser sintetizada nos seguintes questionamentos: Como o arquétipo do homem é pensado pelo publicista e utilizado em sua escrita? Que noções de temporalidade e espacialidade são discutidas por Manoel Dantas, qual a relação entre elas e quais funções estas exercem no seu texto?

No âmbito da metodologia, este trabalho foi produzido inicialmente a partir de um balanço bibliográfico sobre produções acadêmicas e eruditas que tenham relação com a pesquisa. Tais livros foram listados e fichados em duas categorias de produções: obras acadêmicas que trataram dos conceitos discutidos na pesquisa, sobretudo autores que discutiram conceitos como o *tempo* e *espaço*, bem como, o de *escrita*, sendo fundamental o uso de produções que problematizaram o intelectual, direta ou indiretamente.

¹ A República, fundado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, em 1889, como porta-voz das ideias republicanas no território norte-rio-grandense. (MEDEIROS FILHO, 2004 [1988])

O procedimento primordial aplicado as fontes utilizadas, para construção deste texto, foi a operação historiográfica, a partir das contribuições de Michel de Certeau (2011). Com base em apropriações feitas por meio de leituras do autor mencionado, compreendemos a operação historiográfica como um procedimento teórico-metodológico de análise de produções históricas, acadêmicas e eruditas, que consiste na percepção de que as produções literárias sofrem influências diretas dos lugares ocupados pelos sujeitos que as produzem. Sejam esses lugares temporais, institucionais e sociais.

No procedimento de análise e crítica da documentação foi empregado o método da História do Discurso. Em nosso entendimento tal abordagem, no campo teórico-metodológico, toma os discursos presentes na escrita e oralidade como objeto de pesquisa. Nos moldes dessa análise, visa-se perceber aquilo que não está explicitado no discurso, suas intencionalidades e destinatários.

Estabelecido como parte central de nosso referencial teórico, as discussões desenvolvidas por Certeau, em seu livro “A Escrita da história” (2011), este exercício de escrita direciona-se, em especial, para o sujeito e sua escrita, os quais podem ser classificados como eruditos. Todavia, a problematização dos lugares e da prática de escrita de Manoel Dantas não se diferenciam das etapas propostas por Michel de Certeau. Entretanto, esta análise resguarda suas particularidades por tratar-se de um intelectual erudito, locado no tempo e no espaço particulares.

Apropriando-se das produções historiográficas que tomam o sujeito histórico Manoel Dantas e suas obras, evidencia-se as pesquisas do historiador caicoense Muirakytan K. de Macêdo, em especial, “A penúltima versão do Seridó” (2012). Em tal obra, Macêdo discute Dantas enquanto um intelectual que, em fins do século XIX e início do século XX, contribuiu discursivamente para a construção de uma dada noção de Seridó norte-rio-grandense, para tanto, este trabalhou com os escritos do publicista buscando perceber como tal intelectual lança olhares para o homem sertanejo, propondo lições para que este deixe de ser atrasado, superando a si mesmo.

Neste curso, a pesquisa do historiador Almir de Carvalho Bueno, em seu livro “Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte” (2002), aborda Manoel Dantas como um sujeito político envolvido nas discussões intelectuais e

filosóficas que marcaram a transição do Império para a República. Compactuando com Macêdo, Bueno analisa o erudito oitocentista enquanto um intelectual republicano, romântico, que foi influenciado pelas teorias científicas advindas da Faculdade de Direito do Recife, da qual Dantas graduou-se em Direito em 1890.

Trilhando caminhos semelhantes ao de Macêdo, Olívia Morais de Medeiros Neta em sua dissertação de Mestrado em História, “Ser(Tão) Seridó: em suas cartográficas espaciais” (2007) analisa Manoel Dantas como membro das tradicionais famílias que compuseram a genealogia do Seridó oitocentista. Sinteticamente, o trabalho de Medeiros Neta tem como “[...] foco para análise o discurso historiográfico, e Manoel Dantas, José Augusto e Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constituem-se enquanto sujeitos autores que produzem determinadas visões do Seridó.” (MEDEIROS NETA, 2007, p. 28).

Por último, quanto a produções que tratam direta ou indiretamente o sujeito Dantas, tem-se a monografia desenvolvida por Maria José de Medeiros Nascimento, intitulada “Manoel Dantas: entre a escrita e a reescrita da história” (2012), trabalho no qual a autora analisa a figura do intelectual, buscando perceber e entender hermeneuticamente² seu pensamento por meio da escrita, visibilizando as contribuições do mesmo para a historiografia.

Nesta orientação, nossa discussão fundamenta-se, em particular, nas pesquisas de Reinhart Koselleck, quando este se debruça sobre os conceitos presentes nas produções historiográficas, sobretudo os conceitos de *associação* e *contexto*.

Sob inspiração koselleckiana os conceitos de *horizonte de expectativa* e *espaço da experiência* são desenvolvidos durante pesquisa no intercruzamento entre o passado e futuro, quando no passado, em fins do século XIX, Dantas projetava o futuro, cinquenta anos imaginados além de seu tempo. Manoel Dantas, enquanto intelectual progressista, projeta o futuro buscando desvincular-se do passado a ser superado.

2. HISTÓRIA E CONCEITO: TEMPO COMO AGENTE HISTÓRICO

² Maria José de Medeiros Nascimento propõe em seu trabalho monográfico a realização de uma biografia hermenêutica, sendo um estudo em que o sujeito, Manoel Dantas, é pensando em seu contexto histórico, sendo problematizado, avaliado e interpretado em sua trajetória permeada de nuances.

O conceito de tempo nasce junto com a própria ideia de História, mesmo com as mudanças, a institucionalização, a cientificação do conhecimento e da produção do conhecimento histórico (REIS, 1994), transformando-se em um saber específico, ganhando o seu próprio lugar de escrita e prática científica no século XIX.

Pensar o conceito de tempo se traduz em uma operação intelectual que propõe o entendimento das práticas de escrita de Dantas ao apropriar-se da referida concepção. Exercitar tal concepção é criar margem para a reflexão sobre os objetivos, as projeções e os fins notados nas obras "Homens de Outr'ora" (1941) e "Natal daqui a cinquenta anos" (1909), na medida em que as suas ideias estavam em consonância com as problemáticas de sua época.

Ao pensar e escrever sobre o passado e conjecturar o futuro, Dantas demarca seu presente, é a partir das ideias correntes de sua época que o mesmo lança seus olhares sobre as divisões do tempo, sendo o presente determinante para o olhar, forma de olhar, do que é visto, imaginado e crido pelo intelectual. O tempo histórico é objeto de reflexão do historiador brasileiro José Carlos Reis (2012), este destaca a importância do presente na demarcação das demais divisões do tempo, passado e futuro, como pode-se conferir:

[...] Ele é o ponto de partida de toda representação do tempo, o que divide o tempo em passado e futuro. É sempre de um ponto de vista presente que se representa o passado e o futuro. Ele é a ponte que assegura a continuidade do passado no futuro e o limite que os separa. É a experiência mais fácil do tempo, pois percepção, e a mais difícil, pois transcurso. Como percepção, o presente é um estado real de duração, a parte mais sólida, mais estável, mais substancial do tempo. Ele é triplo: momento original, lembrança do passado e tendência ao futuro. O presente é presença, ação, iniciativa. Ele é o lugar do enunciador do tempo, do sujeito, do agir de um enunciador. O presente é o que está diante de mim, iminente, urgente, sem atraso — é como "o corpo do atleta pendido para a frente no momento da largada". O presente e o passado recente se pertencem, pois o presente o retém e alarga-se; o presente e o futuro imediato também se pertencem e, assim, o presente assegura a continuidade do tempo. Mas, a diferença entre presente, passado e futuro é clara: o passado não é mais e o futuro não é ainda e estão excluídos do presente, que é o que está acontecendo. (REIS, 2012, p. 23).

Tratando-se de sua época, este período de formação acadêmica e de amadurecimento intelectual, fins do século XIX, ficou marcado na historiografia como

como o “século da História”³, o período de grandes criações e inovações tecnológicas, bem como teóricas, como o darwinismo e o positivismo, sendo também, o século da institucionalização dos conhecimentos, das Humanidades, contexto em que “a” História se firmava no seu lugar acadêmico, dentro do quadro dos campos científicos, tomando como fundamento metodológico os saberes das Ciências Naturais.

Este campo de saber, “a” História já se propusera, desde a segunda metade do século XVII, com as contribuições filosóficas de Voltaire, em seu trabalho *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, obra de caráter filosófico e dedicada ao método da história, em buscar “delimitar escolher” para se “ter uma ideia geral das nações que habitam e desolam a terra” (VOLTAIRE, 1878, p. 157 *apud* PAYEN, 2011, p. 104). Uma derivação dessa percepção pode ser notada nos exercícios de escrita de Manoel Dantas, sobretudo quando atentamos para as heranças iluministas, já apontadas por Bueno (2007), diluídas em sua formação em Direito, permeada de diretrizes positivistas.

Essa questão das influências positivistas/iluministas nos pensamentos do pensador norte-rio-grandense é um fator catalizador das reflexões derivadas dessa digressão, uma vez que em sua escrita, de caráter erudito e jornalístico, em que a História é convocada para legitimar suas ideias, o positivismo se desenvolve paralelamente, como força motriz da erudição de Dantas.

O Positivismo “[...] herda seus traços centrais do Iluminismo do século XVIII [...] [e um dos seus principais traços] é certamente a ambição de encontrar ‘leis gerais’, ou os ‘padrões’ que a multiplicidade e diversidade da experiência histórica poderiam encobrir” (BARROS, 2011, p. 73. Comentário do autor). Dito isto, torna-se indispensável o exercício dessas reflexões, haja visto que este trabalho será construído tomando como fundamento tais pressupostos.

Dessa forma, esta produção escrita fundamenta-se nas pesquisas de Reinhart Koselleck (1992), quando este se debruça sobre os conceitos presentes nas produções de cunho historiográfico, sobretudo, em destaque os de associação e contexto. Nesse quadro discursivo, é fundamental refletir a partir desses conceitos, uma vez que todo “[...] conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar,

³ Essa discussão sobre o século da História, enquanto um saber que se constituía cientificamente, é realizada por Pascal Payen, em seu texto “A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?” (2011).

tornando-o compreensível” (KOSELLECK, 1992, p. 3). De tal modo, os conceitos devem ser analisados em seus meios, sejam de produção, sejam de prática, para que seus significados sejam preservados corretamente.

Apesar da relação complexa entre História Social e História dos Conceitos, Koselleck (2006) discute a relação entre o campo social e os conceitos operacionalizados pelo campo de saber histórico, não há portanto um conceito desconexo de uma realidade social que o dê sentido e significado, e é nesse sentido que empreendemos nossa análise dos conceitos praticados por Manoel Dantas, como sujeito histórico de uma dada realidade social, localizada em um dado tempo e espaço específicos. O autor é enfático ao estabelecer essa relação:

Sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política. Por outro lado, os conceitos fundamentam-se em sistemas político-sociais que são, de longe, mais complexos do que faz supor sua compreensão como comunidades lingüísticas organizadas sob determinados conceitos-chave. (KOSELLECK, 2006, p. 98).

Entre os lugares ocupados por Dantas, destaca-se desde sua descendência, de Tomaz de Araújo Pereira, um dos antigos colonizadores das Ribeiras do Seridó e filho do coronel Manoel Maria do Nascimento Silva e da senhora Maria Miquelina Francisca de Medeiros, uma genealogia que permitiu Dantas graduar-se em Direito, tendo exercido os cargos de sócio fundador e orador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, de 1916 até 1924 (NASCIMENTO, 2012).

Na região do “Seridó, no final do século XIX, tornou-se costume entre os fazendeiros caicoenses mandar seus filhos estudarem no Recife e na Bahia, os cursos de Direito e Medicina respectivamente” (NASCIMENTO, 2012, p. 18). Com esta formação e com exercício dos cargos que ocupou⁴, Dantas construiu um discurso de autoridade em sua época.

Nesse sentido, “[...] Manoel Dantas foi jornalista, poeta, promotor, juiz, professor, geógrafo, precursor dos estudos de folclore do Estado do Rio Grande do

⁴ Foi professor no Colégio Ateneu, nas aulas de Geografia e ainda exerceu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública Estadual, entre 1897 a 1905. Exerceu, também, o cargo de Juiz e Promotor Público em 1891, nas cidades de Jardim de Seridó e Acari, respectivamente, segundo Maria José de Medeiros Nascimento (2012).

Norte, e ainda, de acordo com a revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, foi também ‘historiador’” (NASCIMENTO, 2012, p. 25).

A ligação do sujeito com as instituições em que foi membro proporcionou estabilidade social para seus pensamentos e ensinamentos, sendo também as instituições sociais lugares de prática para o desenvolvimento de uma linguagem científica, fazendo de sua escrita uma forma de tradução científica de seus desejos, de suas projeções temporais, como agente de suas expectativas. Percebemos então uma relação direta com as discussões propostas do Michel de Certeau (1982), em texto “Etnografia – A oralidade ou o espaço do outro: Léry”, quando o pensador francês comenta o discurso que é produzido sobre o outro, como forma de tradução científica dos desejos, como uma “ciência dos sonhos”, o que será notório nas passagens analisadas das obras de Dantas, quando este imagina uma cidade, Natal, cinquenta anos a frente de seu tempo, ou quando propõe lições para o sertanejo supere a si mesmo. É o que se pode notar na escrita de Certeau:

[...] As experiências novas de uma sociedade não desvelam sua "verdade" através de uma transparência destes textos: são aí transformadas segundo as leis de uma representação científica própria da época: Desta maneira os textos revelam uma ‘ciência dos sonhos’; formam ‘discursos sobre o outro’, a propósito dos quais se pode perguntar o que se conta aí, nesta região literária sempre decalada com relação ao que se produz de diferente. (CERTEAU, 1982, p. 190).

A partir das leituras de Muirakytan K. de Macêdo (2012), é notável na trajetória de Manoel Dantas as influências do positivismo e de uma formação amparada no ideário evolucionista. Formado em Direito na Faculdade do Recife, maior centro irradiador das teorias evolucionistas no espaço que hoje corresponde ao Nordeste, Dantas era um convicto adepto do evolucionismo histórico e social. Ele fazia de seus escritos, lições, para que o sertanejo superasse seus problemas, o seu caráter, nas lentes do autor, o modo de ser de um homem atrasado, de tempos passados.

Influenciado por teorias modernas, a relação mantida por Dantas com seus objetos de escrita, o outro, seja o sertanejo ou os próprios espaços do Sertão ou da capital, Natal, davam-se através de relações de poder, em que Dantas marcava o outro por meio de sua escrita, materializava os objetos no corpus de sua prática de escrita,

suspendendo às vozes daqueles que nem podiam falar. Essa relação é bem explorada na introdução do livro de Certeau, quando este diz:

Uma medicina e uma historiografia modernas nascem quase simultaneamente da clivagem entre um sujeito supostamente letrado, e um objeto supostamente escrito numa linguagem que não se conhece, mas que deve ser decodificada. Estas duas "heterologias" (discursos sobre o outro) se construíram em função da separação entre o saber que contém o discurso e o corpo mudo que o sustenta. (CERTEAU, 1982, p. 10. Comentário do autor).

Nas discussões realizadas por Macêdo (2012), Manoel Dantas constrói várias teses, lições para que o homem do Sertão, o sertanejo, superasse o atraso do seu ser, seja por meio da Educação, da Memória, do Trabalho. Em vários segmentos, a lição é o caminho para o progresso.

Nas palavras de Macêdo,

A dimensão humana em que orbita era a sufocante esfera do trabalho. Preso somente a esse domínio, o sertanejo não se realizava enquanto ser social e político. Vivia arraigado a um mundo unilateral que desconfia das mudanças e das novidades. Enfim, não conseguia apreender que o destino humano era o desenvolvimento (MACÊDO, 2012, p.168).

A partir destes produtos e tomando como norte o conceito de tempo, conseguimos filtrar vários usos, sentidos e significados para tal, que extrapolam um evolucionismo excludente. Mesmo não tomando os “homens de outrora” como exemplo, Dantas fez uso do tempo para, por vezes, honrá-los, na medida em que também os desconstrói, bem como, os compara aos europeus, ainda fazendo deles subalternos do tempo, sujeito de sua obra.

Tempo é sujeito, porque “[...] não é uma coisa irrealizável; é uma afirmação que só depende do tempo e não está à mercê de competências possíveis, porque os acidentes geograficos não se mudam, os portos de mar não se estabelecem artificialmente. [...]” (DANTAS, 1941, p.152). Na escrita de Dantas, o tempo, conceito fundamental para este artigo, junto ao de espaço, são os sujeitos principais. Cabe ao tempo a ação de transformação, de mudança, seja por meio da técnica e do planejamento, dentro dos

vieses do progresso, nos moldes da civilização. É com ele que os espaços são/serão transformados, tal como os homens.

O tempo, em suas divisões passado, presente e futuro, são amplamente abordados por Dantas em seu exercício de escrita, no tange a ação do tempo, nota-se uma relação com futuro, com o que estar por vir, com o que poderá ser, em relação ao que se é. Nesse devir, o publicista é otimista e vê na passagem do tempo uma ação progressiva de melhorias, de evolução e progresso, portanto, ao futuro não cabe incertezas, este será melhor do que o presente e superior ao passado. Tal como discute Reis (2012), a divisão do futuro pode ser de incertezas, mas também de otimismo, e assim o é para Dantas, o futuro é a temporalidade de aperfeiçoamento do ser, é a realização dos desejos:

É a segunda parte do tempo, pois posterior ao passado, que é primeiro e anterior. Ele é portador tanto da inquietude, da instabilidade, do medo da finitude, quanto da esperança de ser. A aceitação do futuro é a aceitação do risco-morte, porque é limite ao meu poder, uma ameaça contínua ao ser. Mas, se é incerteza e risco, é também promessa de ser. O futuro completa, termina, aperfeiçoa o ser. O que é no tempo é incompleto e precisa do futuro para se completar. Realizar ações é dirigir-se ao futuro, engajar-se no tempo. É no futuro que se constrói um mundo. Aceitar o futuro é vencer o medo que o tempo inspira: a finitude. Um ser sem necessidade do futuro é o “ser eterno”, o Uno, que sempre é. A descrição do futuro também é aporética: o futuro é tendência ao ser e ao não ser, é certeza e incerteza, é alegria da conquista e angústia do fracasso, vitória do desejo de viver e medo da morte, expectativa de ser e medo de desaparecer antes. (REIS, 2012, p. 23 – 24).

Na obra de Dantas, “[...] O sertanejo, antigamente, apesar da simplicidade da vida do campo, quase nada ficava a dever aos outros povos no tocante aos hábitos de boa sociedade” (DANTAS, 1941, p.18). A relação tempo e sujeito é evidente, o sertanejo era simples, vivia no espaço rural, mas, não ficava atrás dos sujeitos de boa sociedade, membros de uma organização mais complexa. A noção de temporalidade é clara, bem como a associação dela ao remoto, ao distante, no sentido de linearidade, de um tempo evolutivo.

Dantas em seus escritos fez uso de noções de tempo, associações com o homem e o espaço na construção de uma lição, uma via, uma produção intelectual que apontasse num sentido – do progresso. Em sua escrita, os homens do passado são retomados, mas,

seus descendentes não podem permanecer tais como eles, já que os tempos já não eram os mesmos e as possibilidades de *evolução e progresso* eram maiores.

3. INEXORABILIDADE DO PROGRESSO: ESPAÇO COMO DADIVA

Ocupando o mesmo grau de importância das noções de tempo para este produto são as de espaço. A constituição dessa discussão difere do de Macêdo, que toma como fonte para construir seus escritos sobre Dantas, os artigos publicados no jornal “O Povo”. Da lavra deste último, fizemos uso apenas de seus textos “Homens de Outr’ora” (1941) e “Natal daqui a cinquenta anos” (1909), imprescindível atentarmos para o lugar temporal (CERTEAU, 2011) da escrita de cada obra, bem como, as diferenças entre os espaços trabalhados em cada uma delas.

No aprofundamento dessas diferenças de foco, o primeiro texto é o Sertão, o Seridó, interior do Rio Grande do Norte, o espaço privilegiado no tratamento da escrita do publicista, na segunda produção são as discussões voltadas, a grosso modo, para noções de espaço sobre Natal, capital do Estado, locus do progresso, na visão do autor oitocentista.

Sertão de suma importância para as produções históricas brasileiras, como aponta a historiadora Janaina Amado (1995), que em sua produção mensura essa relevância, historicizando o próprio conceito de sertão, nas palavras da autora:

Conhecido desde antes da chegada dos portugueses, cinco séculos depois "sertão" permanece vivo no pensamento e no cotidiano do Brasil, materializando-se de norte a sul do país como sua mais relevante categoria espacialidade entre os nordestinos, é tão crucial, tão preta de significados, que, sem ele, a própria noção de "Nordeste" se esvazia, carente de um de seus referendos essenciais. (AMADO, 1995, p. 145).

É no percorrer, no processo de análise, nesta linha tênue entre tempo e espaço que a Natal de 1959 projetada por Dantas é lapidada pelo tempo. Desenhada e planejada por meio da técnica, representada com o glamour europeu e tecnicidade norte-americana, nas aspirações de Dantas, a capital do norte rio-grandense seria tal como Londres, edificada sob os ideais de progresso e civilização, permeada pela técnica,

constituindo-se em um espaço moderno, fazendo jus aos ideais republicanos do projetista e do contexto tecnicista do início do século XX.

O conceito central desta etapa do trabalho é uma palavra de muitos significados, ligado a outros conceitos importantes, como paisagem, território, lugar e região, para citar alguns, por exemplo. Qual o sentido de espaço que trabalhamos neste texto? Quais leituras realizamos dos sentidos dados por Dantas, às suas noções operacionalizadas em sua escrita? Em nossa compreensão o espaço é compreendido como vivido, como transcreve Corrêa (1995): “O espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido ... (que) ... se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário” (CORRÊA, 1995, *apud*, HOLZER, 1992, p. 440).

O espaço do sertão é compreendido a partir das experiências vivenciadas pelos sertanejos estes ressignificam o espaço, que é entendido, também, como um campo de representações simbólicas, tanto daqueles que habitam, este lugar, como daqueles que fazem deste locus o centro de suas produções, como Dantas. Partindo das leituras do geógrafo Renato Lobato Corrêa (1995), inspirado pelo geógrafo Hildebert Isnard (1982), este escreve sobre o simbolismo: “em sinais visíveis não só o projeto vital de toda a sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura”. (CORRÊA, 1995, *apud*, ISNARD, 1982, p. 71).

Retomando o que foi introduzido no início desse texto, tal método de análise faz parte dos paradigmas do positivismo, e, nesse processo, os modelos utilizados são, não por coincidência, países da Europa, como a Inglaterra, a nação pioneira das revoluções industriais e dos modos de produção industrializados. Os Estados Unidos da América (EUA) também são citados, podendo ser compreendidos pela influência política do mesmo sobre o Brasil, durante o século XIX, sobretudo após a proclamação da República, sendo os EUA considerado e auto afirmado como o modelo de liberdade, direito civil crucial e característico do projeto republicano.

Nas obras aqui analisadas, futuro e presente se unem nas projeções de Manoel Dantas, na ação do tempo como molde para o espaço imaginado de Natal. Numa ligação linguística e conceitual problemática, Natal em 1909 seria, segundo as visões daquele, nos tempos de 1959 tal como Londres no tempo em que o autor publicara o artigo. A

escrita de Manoel Dantas, assim, aparece eivada de elementos do futuro do subjuntivo, quando escreve que:

Eis porque escolhi o Perigo Iminente que, em 1959, será um dos pontos mais atraentes da cidade, com seus cassinos e hotéis monumentais coroados de altos terraços onde os aeroplanos vêm aterrizar; as estações de estrada de ferro aérea que corre pela crista dos morros até Guarapes, despertando sensações e belezas estranhas; as escadeiras de mármore e de granito descendo para o mar e para a planície sob arcadas graciosas de folhagens variegadas, onde canta diariamente a passarada; as casas de campo dependuradas das encostas como ninhos: um misto de progresso e de poesia: a harmonia das coisas; o consórcio do passado e do futuro: jardins suspenso, salpintados das mais belas flores tropicais, evoluindo perfumes para o céu; cenário brilhante, onde, de vez em quando, realiza-se o baile [...] (DANTAS, 1909, p. 67).

As discussões elencadas neste texto ganham uma dimensão historiográfica, uma vez que Manoel Dantas, em vida, foi considerado um “historiador”, tendo em vista a sua participação no ato fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. A partir da década de 1990, a historiografia acadêmica (MACÊDO, 2012) o considerou um historiador erudito, devido ao seu contributo na produção do conhecimento histórico regional.

Pensamos na produção do conhecimento histórico de Manoel Dantas como uma operação intelectual que consiste na ligação entre o lugar “[...] (recrutamento, um meio, uma profissão etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)” (CERTEAU, 2011, p. 46). Em “Natal daqui a cinquenta anos”, Dantas escreve o espaço natural como uma criação de Deus (DANTAS, 2000, p. 65) não sendo necessário idade para apreciá-lo, mas tempo para modificá-lo com o uso da técnica.

Concebido enquanto uma dádiva, o espaço é construído por Dantas em sua dualidade. Naturalizado, determinista quando condiciona a vida dos sertanejos por meio do clima e da geografia, este pode ser modificado pela técnica. Essa dualidade marca a escrita do publicista, demonstrando sua influência positivista e sua crença inabalável no progresso, tendo a técnica como veículo de modernização dos espaços e do homem.

Em sua visão do futuro, cinquenta anos seriam necessários para transformar os espaços de Natal em lugares modernos, com os atributos que são característicos à

modernidade novecentista. Perigo Iminente pode ser tomando como exemplo. Contemporâneo à escrita do erudito, no ano de 1909, o morro Perigo Iminente, situado em frente à Cidade Nova, espalhava “areias sobre as ruas como um vasto lençol tenebroso e mortífero” (DANTAS, 1909, p. 67), sendo, após a progressão temporal do dito historiador, “um misto de progresso e de poesia”.

Como método de análise, o conceito de associação, que já mencionamos no início desse texto, corresponde a mecanismos para se identificar as noções de tempo e fazê-las úteis na construção de nossa percepção, pois “[...] associações pressupõem um mínimo de sentido comum (minimal Bedeutungsgehalt), uma pré-aceitação de que se trata de palavras importantes e significativas.” (KOSELLECK, 1992, p. 2). Em outros termos, não podemos desligar certas noções de tempo de outras concepções e conceitos, vigentes no período, como por exemplo, progresso, evolução e civilização.

Para Dantas, “[...] A força do tempo vai depois polindo a figura dos protagonistas desses movimentos e sangrando heróis da liberdade os que neles preponderam.” (DANTAS, 1941, p. 68). Nesse excerto, além de moldar aqueles que vão sendo lembrados, os protagonistas, e sangrando os heróis, aqueles que lutaram pelo vigente, pela República.

Quanto ao tempo, futuro de solução, em que o poder público, republicano, participativo, à moda positivista – com fortes tendências –, irá resolver os problemas de estiagem, educação e fome, dificuldades que assolavam a alma dos sertanejos, castigando suas vidas, seja pela geografia árida e/ou pelas condições socioeconômicas. Entretanto, Dantas percebe essas adversidades com esperanças, quando diz: “Não estará longe, talvez, o dia em que os poderes públicos ou a iniciativa individual tomem a peito resolver esse problema, aliás de fácil solução [...]” (DANTAS, 1941, p. 111).

A ligação com o progresso, tão mencionado e citado, fica clara quando essa ideia se liga ao tempo, bem como a ideia de evolução, de linearidade do processo temporal, tomando o inglês como molde – não somente o inglês, mas, a Inglaterra, as dificuldades da região e a construção do progresso de sua nação. Escrevendo com esse olhar, Dantas ajuíza que “[...] Havia de esperar que o tempo, as necessidades do progresso, e talvez as modificações que elementos novos tragam à nossa raça, obriguem-nos a fazer o que os ingleses já fizeram.” (DANTAS, 1941, p. 113).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na finalidade dessas linhas, podemos concluir que Manoel Dantas utilizou-se das noções de tempo para criar lições para que o sertanejo superasse o atraso de seu ser, adequando-se ao discurso de modernidade de fins do século XIX e início XX.

Com a escrita deste artigo, traçamos algumas direções para se pensar o uso das noções de tempo e espaço feito por Manoel Dantas. Desse modo, o que pretendemos é criar caminhos para outras reflexões posteriores, sejam as que utilizarem as mesmas fontes, ou, as que tomarem uma problemática semelhante, a partir de outros registros da produção escrita do autor.

Por fim, cabe reafirmar que nosso objetivo é “o precisamente o começo e o fim de toda a história. Se não há problema, não há história. Apenas narrações, compilações.” (FEBVRE, 1989, p. 31). Essa sintética lição do historiador co-fundador da Escola dos Annales, Lucien Febvre nos inspira para que em nossas pesquisas os problemas sejam fundamentais.

5. FONTES

DANTAS, Manoel. Homens de outr’ora. In: _____. **Homens de outr’ora**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti. 1941. p. 05-159.

DANTAS, Manoel. Natal daqui a cinquenta anos. In: LIMA, Pedro. **O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas**. Natal: Sebo Vermelho, 2000 [1909]. p. 55-79.

6. REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, P. 11-48. Tradução Nilo Odalia.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p. 45-108.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. 1. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; *revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito chave da Geografia**. In: _____. CASTRO, Iná Elias de et al (org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1995, p. 15 – 47.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 28- 41.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. Espaço da superação. In: _____. **A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense**. 2.ed. Natal; Campina Grande: EDUFRN, 2012. p. 145-171

MEDEIROS, Olavo de Medeiros Filho. **Caicó, Cem Anos Atrás**. 2. ed. Natal – Sebo Vermelho, 2004 [1988];

NASCIMENTO, Maria José de Medeiros. **Manoel Dantas: entre a escrita e a reescrita da história**. 2012. 62f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2012.

MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de. **Ser(Tão) Seridó: em suas cartografias espaciais**. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?, **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 6, p. 103-122, 2011.

REIS, José Carlos. Tempo e Terror: estratégias de evasão. In: _____. **Tempo, história e evasão**. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 141-164.

REIS, José Carlos. **Teoria & história: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.